

A paz na cidade tem risos de criança

N. 9/6/82

por José Pinto de Sá, em Sofala

Quatro ou cinco miúdos ultrapassaram-me rente às pernas, correndo «em esquadriha» de braços abertos pelo passeio ensolarado, roncando «os reactores» a plenos pulmões, entre os peões atarefados.

Segui-lhes o voo rasante até à Escola Primária «Agostinho Neto», onde galgaram os degraus da entrada e se lançaram no interior do edifício, desaparecendo entre os outros meninos na mancha viva dos uniformes azuis. Fiquei ainda a ouvi-los durante algum tempo, até que também as suas vozes se fundiram no clamor das crianças no recreio, que me acompanhou passeio abaixo, das janelas da escola, onde nenhum vidro resta incólume.

A Nordeste, para os lados do aeroporto, ouvem-se os «Migs» verdadeiros, que não preguiçam nas pistas. Sob o sol morno de Junho, a cidade vai à sua vida e ninguém se preocupa com o rugido dos jactos, que ainda só inspira jogos de criança.

Os beirenses gozam a manhã de sol, da janela do escritório, de uma mesa na esplanada do «Riviera» ou das celas da cadeia civil, que se levanta como um castelo de papelão no centro da cidade, com os presos balançando as pernas por fora das grades e trocando conversas com os passantes conhecidos.

A multidão colorida, nas bichas do machimbombo ou diante das bancas do bazar monopolizadas pela tangerina, tem mais em que pensar, que não na guerra. E mesmo se os nossos soldados são chamados a intensa actividade para neutralizar os «matsangaizas» por quase toda a província de Sofala, nada nesta cidade acusa a pressão, tudo prossegue.

O clima despreocupado não assenta em aparatosas exhibições de força militar, vendo-se mais fardas nas salas de jantar dos hotéis do que nas ruas da cidade. Mais do que se sente, presente-se uma grande força em movimento fazendo o seu trabalho «lá por fora», para garantir que a cidade possa trabalhar sem ser importunada e dormir em paz, apesar da guerra que nos fazem.

As noites, nesta altura, fazem-se frescas e os mosquitos dão tréguas à

cidade. Nas ruas da Ponta Géa, sob as árvores antigas com raízes incrustadas nos muros de tijolo vermelho, o escuro das ruas não assusta os jovens pares, namorando encostados ao poste, na paragem dos TPU.

Nas vivendas do Macúti, as grades nas janelas são raras, comparadas com Maputo, e os rumores de assaltos, que o silêncio da Informação deixa crescer, mais que outra colsa revelam a mexerique de cidade pequena. «Alertado» pelos boatos, fui afinal encontrar uma cidade onde se pode gozar o fresco da noite pelas ruas, a qualquer hora e em qualquer lugar, uma cidade afinal muito menos batida de larápios que a capital do país.

Se pouca gente se vê pelas ruas, uma vez terminadas as sessões de cinema, a causa reside na falta de outras ocupações para o serão dos beirenses. Além de ver um filme ou jantar num restaurante, o beirense não dispõe actualmente de meios para ocupar as horas de lazer.

Com vista a dinamizar a vida social e cultural da cidade, as autoridades governamentais e municipais estão a projectar um plano inesperado, envolvendo a «recuperação» do vale do Chiveve e sua transformação no «coração da Beira».

Proverbialmente considerado como a nódoa da cidade, a depressão do Chiveve poderá tornar-se, segundo o referido projecto, num pólo de atracção em pleno centro, reunindo a Casa da Cultura e as facilidades de amostragem da Casa dos Bicos, ambas já envolvidas em actividades de dinamização.

«Nós queremos transformar o Chiveve num local de recreação da população», assegura-me um responsável do Conselho Executivo, que prevê a próxima organização de eventos culturais, desportivos e de lazer, incluindo cinema, música, bailes populares...

Naturalmente, há quem não deixa de franzir o nariz à ideia. No entanto, o projecto está a mobilizar muitas atenções e os beirenses têm fama de teimosos.

Garantiram-me que o «cheiro do Cl

os.